

## A ESTRANHA

Por Aparecida Gianello dos Santos

O banco da pracinha era meu lugar favorito. De lá eu via o mundo. Gente indo e vindo, crianças brincando, cachorros, passarinhos e até insetos. A despeito de mim mesma, ora fragmento tênue em meio aos diversos tipos frequentadores desse mundo-praça, gostava de matar o tempo contemplando a vida, dentre outras coisas.

Como um filme passando, meus pensamentos volitavam pelos dutos do tempo chegando aos mais longínquos apontamentos. E não era a primeira vez que isso me acontecia. Voltar ao passado estando no mesmo lugar ultimamente tem sido a melhor distração a essa minha já cansada mente. Embora pouco guardasse de recente, trazia em mim tantas lembranças que dariam um livro. Se é que isso importasse a alguém.

A fresca tarde de outono me convidava a ficar um pouco mais naquele velho banco. E já passava das cinco quando percebi, em meio aos vultos do amplo calçadão, uma estranha jovem. Simultaneamente, fui percebida. A bela parecia não se encaixar àquele contexto. Seu jeito familiar logo me atraiu, exacerbando-me a curiosidade. Lembrava meus velhos tempos de mocinha, e achava até que se parecia comigo. Segui-me observando. Denotando certo desprezo segui fazendo o mesmo, afinal, era uma estranha.

Passos mais largos já tomavam conta do cenário quando as luzes das vitrinas começaram a se acender. Talvez eu já devesse estar em casa, ou não, pelo que a estranha continuava me intrigando. Cuidava-me em cada movimento e cada vez mais de perto agora com ares de atrevimento e quase nada de discrição. Prossegui fingindo não a perceber. Num dado momento, sorriu... Iluminada. Senti que era para mim e sorri de volta, cordial e instintivamente. Completamente desnudos, nossos olhos se encontraram. Confesso que foi estranho me ver nos seus – tão profundos. Coisa de alma. Como se, por algum elo até então não sabido, estivéssemos unidas. E aquele ar de anjo quebrando o lusco-fusco... Engraçado, mas já não me parecia tão estranha conforme o tempo ia passando. Ah, o tempo. Talvez eu devesse mesmo estar em casa.

Que ser emblemático. Que fazia ali, tão tangível aos meus sentidos? Será que mais alguém via o que eu via? Por certo não. Abstraídos em seus orbes demandavam pressa. Como se quisessem transcender os limites do próprio tempo numa espécie de jogo. Eu não. De modo algum eu queria passar de fase antes da hora, não tenho a menor pretensão de zerar esse jogo. Embora pouco esperasse do futuro, meu desejo sempre foi chegar ao embate final com a serenidade de quem soube bem usar do próprio presente. Para tanto, tenho aproveitado cada instante como se fosse o último de minha existência.

A noite despencava branda, enquanto a jovem com cara de anjo não tirava os olhos de mim. Tampouco eu dela. À essa altura já nem me importava se terminasse seduzida por sua mística. Depois daquele sorriso, cuidei que tivéssemos um contato mais direto. E a certeza se deu ao que veio marchando em minha direção. Meu coração batia descompassado, minhas mãos suavam flúmenes. Aquela que me encantava havia pouco, agora me desconcertava por completo. Segui debelando a ansiedade, ao passo que ela investia.

Frente a frente, à altura de meus olhos – enfeitiçados por sua luz emanante –, a estranha finalmente se ateve.

– Vamos? – sussurrou ela com doçura.

– Eu? Ir com você? Mas para onde?

– É que já passou da hora! – replicou, austera.

– De jeito nenhum! Eu nem te conheço, daqui não saio!

Fiquei histérica ao pensar na possibilidade de que fosse uma golpista ou coisa do gênero. O que me custava a entender era porque não desconfiara de nada enquanto apenas me flertava. De pé, e pronta para uma fuga caso necessário, exigia aos berros que se afastasse ou eu chamaria a polícia, o que acabou por chamar a atenção de alguns passantes. Definitivamente, ela não era um anjo. Caí na real tão logo sacou do bolso um desses ultramodernos aparelhos de celular e, agora me olhando de soslaio, fez uma chamada...

– Pai, você precisa vir aqui, a vovó tá estranha de novo.